



## **Opinião e Humor: uma análise sobre o gênero *charge*<sup>1</sup>**

Sônia Regina Schena Bertol<sup>2</sup>  
Fabiano Pase<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Através da análise de charges publicadas pela Folha de São Paulo e pelo Jornal do Brasil, detectou-se que as mesmas são importantes documentos de contextualização informativa sobre assuntos de cunho político e também de distintos temas que se envolvem com a política. As abordagens em desenho retratam o que é factual e o que é mais pertinente dentre os acontecimentos atuais que se entrelaçam com questionamentos políticos. A análise de conteúdo das charges, realizada qualitativamente, possibilitou a criação de um quadro de conceitos desencadeadores de apreciação, através do qual averiguou-se as significações de cada elemento característico da charge, o que foi essencial para extrair inferências e para o desenvolvimento das compreensões e comportamentos de cada característica em cada charge.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Charge; Jornal; Opinião.

### **CHARGE, GÊNERO INFORMATIVO DO JORNALISMO BRASILEIRO**

A opção por pesquisar sobre a charge deve-se ao fato de que esse tipo de linguagem comunicacional se caracteriza como um importante gênero opinativo do jornalismo brasileiro. Transmissor de idéias e opiniões acerca de assuntos cotidianos, principalmente, de cunho político, a charge provém de outra forma de desenho, a caricatura. O gênero então passou a ser inserido nos jornais, segundo Melo (1994), à medida que avançavam tecnologicamente e visavam popularizarem-se aumentando a circulação de seus exemplares. Acerca das práticas ideológicas do gênero charge, emolduradas ao longo do seu nascimento e desenvolvimento desde as caricaturas do século XIX, estão elementos essenciais para a sua existência e permanência atual e que contribuem para a impregnação da ideologia do autor da charge e do convencimento da audiência a que ela se dirige. Os elementos presentes nas charges e que se constituem nas suas características principais são, entre outros, o humor (o cômico); a efemeridade;

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Orientadora, professora do curso de Jornalismo da UPF. E-mail: sobertol@upf.br

<sup>3</sup> Orientando de Graduação do curso de Jornalismo da UPF. E-mail: bianopase@hotmail.com



o poder de persuasão; a imagem ou a iconicidade e os seus signos (linguagem semiótica), as interpretações e o traço artístico (desenho).

A justificativa em torno do tema se dá justamente tanto pela sua contradição quanto a afirmação de que qualquer forma de expressão jornalística deve optar pela objetividade e imparcialidade, quanto pelo entrelaçamento opinativo entre audiência e veículo, estabelecido pelo fato de que a charge só se torna uma prática ideológica, portanto impregnada pela opinião de seu autor, para aquele indivíduo que conhece o assunto – político – alvo da crítica humorística destilada por ela.

### **BREVE HISTÓRIA DA *CHARGE* NO BRASIL**

A charge é um gênero opinativo – caricato – que pertence à comunicação social e se apresenta, especificamente, no jornalismo impresso. Segundo Luis Guilherme Sodré Teixeira (2001), esse gênero chega ao Brasil em meados do século XIX com a vinda de imigrantes europeus ao Rio de Janeiro, entre eles, pintores, arquitetos e desenhistas. No início, as charges levavam características diferentes da atual. Ela reproduzia de forma fidedigna, os personagens que abordava, característica esta que, para os dias de hoje ajuda-nos a entender outra forma de desenho. A caricatura<sup>4</sup> propriamente dita.

A presença da primeira forma de expressão chargística ocorrida no Brasil, segundo Távola (1976), foi publicada em 14 de dezembro de 1837 por Manuel de Araújo Porto-Alegre no Jornal do Commercio e descoberta pelo historiador José Antônio Soares de Souza. Nascia assim a charge, mesmo que com características diferentes das de hoje em dia. No entanto, é ainda na segunda metade do século XIX que a charge começa a demonstrar as primeiras características tais quais são atualmente.

Segundo José Marques de Melo (1994) a charge/caricatura surge na comunicação social com o intuito de ver ampliado o consumo de impressos jornalísticos atendendo a uma espécie de necessidade social e ao avanço tecnológico em andamento, onde a aplicação das técnicas da rotativa, na produção jornalística, revoluciona a reprodução gráfica dos meios. O gênero torna-se, com o passar dos anos, elemento presente em diversos jornais impressos por todo o Brasil e pode ser definido hoje como “(...) um produto singular, fruto de progressivo amadurecimento de forma e conteúdo,

---

<sup>4</sup> Ver subtítulo sobre caricatura.



cujo traço está ligado criticamente aos problemas da sociedade na qual se insere.” (TEIXEIRA, 2001, p. 5). Melo (1994) diz que a charge se originou exclusivamente - junto com outros gêneros - da caricatura. Em seu livro, *A opinião no jornalismo brasileiro*, Melo (1994) compara a charge a outras “*espécies da caricatura*”, porém, cada uma detém especificidades distintas. As outras “espécies” levantadas pelo autor são a *Caricatura* (propriamente dita) o *Cartoon* e o *Comic*. O autor explica ainda que dentre todas as espécies relacionadas, somente a caricatura e a charge pertencem ao universo jornalístico. “A caricatura reproduz a imagem isolada dos personagens vivos da cena noticiosa. A charge contém a expressão de uma opinião sobre determinados acontecimentos.” (Melo, 1994 p. 168). Começa aí a distinção e a importância da charge perante seus “irmãos”. Num veículo de comunicação que, como todos os outros, prega por uma tal objetividade e uma tal imparcialidade de conteúdos jornalísticos, o jornal impresso trás esse gênero para - em nome da sua estrutura e concepção - escancarar a opinião da empresa em relação a diversos assuntos, através de desenhos, com propósito denunciativo, crítico e satírico e com a finalidade de

(...) expor uma idéia, dissertar sobre um tema. Ainda que esteja ligada a um fato ou acontecimento e o represente de alguma forma, sua preocupação ou a do chargista, não é o acontecimento, mas o conceito que faz dele, ou mais comumente a crítica, a denúncia do fato, quando não procura aliciar o leitor para os seus arrazoados, princípios, programas ou ideologia.” (CAGNIN, s/d) (apud MIANI, 2001, p. 4)

A importância da charge quanto a sua função dentro de uma estrutura jornalística descrita por Teixeira (2005) mostra o quão valoroso é gênero e mostra uma outra face de um jornalismo. Uma face opinativa. Diferente, por exemplo, das reportagens que deveriam ser construídas em torno de uma visão ética, imparcial e em moldes objetivos. “(...), é surpreendente a valorização jornalística da charge, nos termos dessa rígida estrutura de códigos éticos de comunicação, uma vez que ela não produz *outra* notícia, mas a *mesma*, com subjetividade e parcialidade.” (TEIXEIRA, 2005, p. 13). Com tal citação, o autor afirma que a charge não informa fatos e acontecimentos novos, pelo contrário, ela elege os casos mais relevantes e age sobre os mesmos adicionando humor e opinião ao conteúdo. Durante a Monarquia esse gênero se apresenta como instrumento de crítica oposicionista à política imperial de forma humorada, tendo como principal alvo as crises institucionais da época, como por exemplo, a falta de controle político monárquico (TEIXEIRA, 2001).



Já, a partir de 1889, com o novo governo – República – nas charges eram priorizados assuntos como: a Proclamação da República (15/11/1889); a separação histórica entre estado e igreja, conseguida pelo Governo Provisório (1889-1891) e por consequência os agrados e desagradados das alas políticas e religiosas envolvidas; a promulgação da 1ª Constituição Republicana do Brasil (24/02/1891); a política do Café-com-Leite entre São Paulo e Minas Gerais e as pressões governistas dos outros estados brasileiros e as manipulações das elites políticas a eleitores, através do “voto de Cabresto”. As reformas de modernização do Rio de Janeiro; a participação do Brasil na Conferência Internacional de Haia (Holanda) em 1907; a imigração japonesa, italiana, alemã, espanhola, eslava e árabe e o tratamento de acolhida das autoridades nacionais; os movimentos operários em busca de melhores salários e condições de trabalho; a modernização econômica e o avanço social em todo o território nacional; a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) em que o Brasil se manteve neutro durante quase todo o conflito e a decepção social frente a expectativa da República foram assuntos que apoiaram chargistas até o ano de 1920.

Vislumbrava-se então no Brasil, especulações em torno do início da modernidade e os assuntos que eram transformados em charges, segundo Lemes (2001), satirizavam o governo de Washington Luís sobre e suas metas de governo; a era Getúlio Vargas esteve representada em desenho desde o seu início; a implantação do rádio no país e a construção de aviões para fins bélicos ganhavam visibilidade quando relacionados à política paulistana; o direito de voto para as mulheres em 1932; homenagens e chacotas quanto a atuação criminosa e morte de Lampião (Virgulino Ferreira da Silva) – as charges sobre ele, relacionavam a falta de perspectiva social dos cangaceiros do Sertão, ignorados pelo governo. Críticas através de desenho também abordaram a posição de Vargas em declarar guerra contra a Alemanha e a Itália e a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) nos conflitos; além da crise e queda do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945); o agravamento da Dívida Externa e os problemas governamentais – inflação – do Governo Eurico Dutra (1946-1951); a retomada política de Getúlio Vargas (1951-1954); as metas dos “50 anos em 5” de Juscelino Kubitschek (1956-1961) e a explosão inflacionária de seu governo renderam inúmeras críticas humorísticas. A partir de 1961, as charges dos jornais brasileiros demonstravam a grave crise estrutural do país, iniciado com a renúncia de Jânio Quadros. Em abril de 1964, o General Castelo Branco implanta um regime ditatorial no



Brasil. Os jornais perdem os seus direitos à liberdade de expressão e são duramente penalizados caso o governo se sentisse criticado por eles, através de qualquer gênero noticioso, seja escrito ou desenhado. As charges quase desaparecem durante a Ditadura Militar. Elas eram retratadas esporadicamente e limitadas à fiscalização do governo. Charges desta fase da história brasileira – em que eram representados os atos institucionais do regime, os departamentos de controle, as repressões sociais, as atuações do governo, entre outros –, só viriam a serem publicadas, com mais ênfase, em 1984. Mesmo assim, em 1969 surge o jornal O Pasquim, em 1979 nasce Opinião e em 1975, Movimento. Os anos 60 foram marcados por críticas à programação das emissoras de televisão que, durante ao Regime Militar, veiculavam entretenimento e negavam, obrigados pela repressão, os problemas políticos e sociais. Em 70, trocadilhos humorísticos tratavam sobre o governo de Emílio Médici (1969-1974) em relações a outros assuntos da época, como a seleção brasileira Tri-campeã da Copa do Mundo de Futebol. Isso para mostrar o real estado do governo, considerado um desastre. De 1979 a 1980, durante o governo de João Figueiredo, as charges jornalísticas relacionavam as fundações dos novos partidos políticos e os setores da sociedade em que eram ligados, além de sentenciar o comprometimento das futuras gerações de brasileiros com o pagamento da dívida externa do país.

Na década de 90, com o fim da ditadura, e tendo os jornais, a sua ampla liberdade de expressão garantida novamente, os desenhos humorísticos não perdoaram o mandato do primeiro presidente eleito pelo voto direto, Fernando Collor de Melo (1990-1992). Durante todo o seu mandato e principalmente quando fora acusado de crime de irresponsabilidade, corrupção e por conseqüência o seu afastamento da presidência, charges o revelavam, entre outras formas, em roupas de presidiário. Já em 1994, ano em que Fernando Henrique Cardoso vence as eleições, sátiras denunciam as crises e divisões ideológicas, através do símbolo do partido. Em contraponto às primeiras charges do século XIX, as do século XXI, segundo Lemos (2001), demonstram que outros assuntos, não relacionados à política, tomam corpo nas charges quando seus autores os direcionam para contextos políticos específicos.

## **ELEMENTOS E SENTIMENTOS DA CHARGE**

Antes mesmo do nascimento da charge, das histórias em quadrinhos, dos cartuns e até das caricaturas, várias teorias tentaram entender a ação de inúmeros elementos



que, após o surgimento desses gêneros, vieram a estar presentes no corpo e no formato da maioria dessas linguagens iconográficas. Entre as teorias, surgiram as conceituações dos elementos que se apresentam nos desenhos dos jornais impressos e que sustentam o seu posicionamento e a sua importância, cada vez mais presente, nestes veículos de comunicação.

Miani (2001), define que a estrutura física de uma charge “aparece invariavelmente, em um único quadro e apenas raramente o artista vai recorrer da divisão do espaço em duas ou mais imagens para expressar sua idéia.” (MIANI, 2001, p.4). Compondo a estrutura denominada pelo autor, estão aquilo que ele chama de elementos constitutivos da charge “(...) a linha, o espaço, o plano, o ponto de enfoque, o volume, a luz e a sombra, o movimento, a narrativa, o balão, a onomatopéia e o texto verbal, não aparecendo, necessariamente, todos esses elementos em todas as charges.” (MIANI, 2001, p. 5)

No entanto, para este estudo, buscaremos aqueles elementos presentes nas charges e que se constituem como características principais do gênero. São, entre outros, o humor (o cômico); a efemeridade; a metáfora; o poder de persuasão; a imagem, traço artístico ou a iconicidade (desenho), os seus signos (linguagem semiótica); e as interpretações dos fatos cotidianos.

Toda e qualquer imagem é uma representação, seja de algo real – como é o caso da charge –, seja de algo imaginado por alguém. Até aí, tudo bem, mas o que está escondido na imagem? Como é chamado aquele conjunto de traços e formas específicos e diferenciados de chargista para chargista, que constituem o desenho final transferido para quem deseja observá-lo? A Semiótica explica, através de um dos mais importantes teóricos desse assunto, Peirce (2003), que é chamado de signo, qualquer grafismo que busca significar algo e que sozinho ou em conjunto com outros signos, formam uma representação de uma imagem de um objeto palpável ou real. Da Semiótica e das significações específicas dos signos que compõem uma charge, passamos para a categoria de análise da imagem gráfica desenhada como um todo, neste caso, as gravuras das charges. Segundo Teixeira (2005), esse gênero busca demonstrar o acaso, o súbito, o inesperado, transformando-se em documento histórico efêmero, porém, permanentes nos arquivos da evolução histórica das sociedades. Efemeridade que ajuda-nos a entender, consideravelmente, a atuação das charges no cotidiano e na



contemporaneidade das pessoas que se submetem ao capricho de buscar as charges nos jornais impressos para atender o anseio de suas reflexões a partir dos valores opinativos do veículo.

Para a língua portuguesa, efêmero significa pouco durável, passageiro, transitório. Traduzindo isso para a charge, podemos dizer que o gênero está diariamente presente no jornal, porém em constante modificação quanto à abordagem de conteúdo. Mesmo estando sistematicamente integrada ao veículo comunicacional impresso, a charge permanece por um curto espaço de tempo na memória da sociedade. Como dito anteriormente, a recíproca não é verdadeira quando falamos de memória histórica da sociedade. A permanência dos exemplares impressos em arquivos organizados pelas empresas jornalísticas ajuda a contar a história, a evolução social e, particularmente através do gênero charge, as fortes posições e opiniões das empresas perante os acontecimentos políticos, dignos de registro valorativo.

Já Bakhtin (1997) visualiza um outro ponto de discussão e de compreensão da imagem. Ele procura entender a relação entre o traço e o armamento ideológico que este carrega.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (...) A existência do signo nada mais é do que a materialização de uma comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. (BAKHTIN, 1997, p.31/36) (apud MIANI, 2001, p. 6)

Portanto, a imagem, seus signos semióticos e, segundo Bakhtin (1997), signos ideológicos, atuam dentro da charge do jornal impresso como uma forma de discurso de manifestação de ideologia.

Como vimos, qualquer imagem pode comunicar algo tanto quanto um texto escrito e, portanto pode ser classificada como uma forma de emissão de mensagens. Não muito diferente é o desenho de charge, pois comunica, sobretudo, um discurso ideológico de determinado chargista – que pertence a um veículo de comunicação, logo,



aceita e defende a linha editorial deste – em referência a determinado fato ou situação real. O discurso emitido induz o observador a refletir o conteúdo da charge. Isto comprova o poder de persuasão existente neste gênero. Com isso afirmamos que a charge parte de um mundo real para o mundo da ficção e da mesma forma cria um personagem a partir de um sujeito do mundo real. Toda essa relação – de apropriação do real para a retratação em traço – é a marca singular da charge enquanto desenho, signo e imagem com carga persuasiva e que busca no observador, os reflexos de consciência que ela se propõe a emitir.

Sempre que falamos em humor, pensamos em algo engraçado, que causa riso ou sensação hilária. Valemo-nos dessas atribuições quando falamos em charge também. Segundo Teixeira (2005), até o século XVII ele era considerado um instrumento para se pensar os conflitos e as contradições de uma sociedade. Na Grécia e posteriormente em Roma, o humor exercia seu papel no centro da sociedade – assim como a tragédia – para expressar o consciente humano através de sátiras e críticas cômicas. Então, alojado nas charges jornalísticas, o humor exerce uma relação íntima com a linguagem textual “espirituosa” (BERGSON, 2001), presente no gênero, mas que precisa igualmente e necessariamente do desenho deste para gerar a comicidade plena sobre o contexto elucidado. Comicidade que remete àquilo que faz rir por ser engraçado.

Referente a linguagem verbal, que desencadeia o sentimento cômico, está o uso da metáfora no texto. Este elemento está presente no gênero naquilo que compreendem as falas ou os pensamentos dos personagens. Algumas palavras empregadas tomam sentido figurado e, como o próprio significado do termo revela, tornam-se efeitos comparativos ou análogos à mentalidade individual e/ou social. Umberto Eco (1991) diz que

(...) tratar da metáfora significa, no mínimo, tratar também (e a lista é incompleta) de: símbolo, ideograma, modelo, arquétipo, sonho, desejo, delírio, rito, mito, magia, criatividade, paradigma, ícone, representação – e ainda, obviamente, linguagem, signo, significado, sentido. (ECO, 1991, p.142).

Sendo assim, nota-se a articulação existente entre texto e humor para a captação de um sentido. Articulação que reúne comicidade e analogia, próprios da charge, sobre atos, fatos e acontecimentos. O sentido a que se compromete a charge é aquele que





supõe uma produção de verdade única através da sua penetração na realidade política-social. A charge, na maior parte da sua trajetória, interpreta o real de maneira agressiva, crítica e atrativa. Agressiva por subverter a realidade e tomar isso como uma revelação de verdade; crítica por afrontar o bom-senso e senso comum; e atrativa por se debruçar sobre a realidade e dela provocar novos olhares sobre os fatos.

### Tabela Conceitual de características de Charges

Quadro 01

| Elemento                                 | Síntese <sup>5</sup>  |
|--|---|
| Humor                                    | Referente à comicidade; o que faz rir por ser engraçado; estado de espírito, veia cômica, ironia delicada, graça, riso.   |
| Metáfora                                 | Emprego de palavra e/ou imagem em sentido figurado, por efeito de comparação ou analogia ( <i>braço de rio, cabelo de milho,...</i> ).  |
| Poder Persuasivo/<br>Discurso persuasivo | “São signos que, colocados como expressões de ‘uma verdade’, querem fazer-se passar por sinônimos de ‘toda a verdade’. (...) se dota de recursos retóricos objetivando o fim último de convencer ou alterar atitudes e comportamentos já estabelecidos. (...) é sempre expressão de um discurso institucional.”(CITELLI, 1994, p.32) (apud MIANI, 2001, p. 9) |
| Imagem                                   | Representação de pessoa, coisa, etc. por desenho, pintura, escultura e outros processos. No caso da Charge pode também ser chamado de traço artístico.  |
| Contexto/ Interpretação                  | Relacionamento com fato ou acontecimento verídicos. Maneira como o desenho fala da realidade e emite reflexão sobre o fato. Aceitação da charge como informação para o cotidiano e contemporaneidade das pessoas  |
| Efemeridade                              | Pouco durável, passageiro, transitório. Tempo que a charge permanece como memória da sociedade. Comum a todas as retratações do gênero  |

<sup>5</sup> Alguns significados foram obtidos do Minidicionário Luft (2000), outros através de conceitos de autores presentes neste trabalho.



Passamos para a visualização das charges. A análise acontecerá da seguinte forma: apresentaremos os desenhos publicados em ambos os meios de comunicação e publicados por eles no mesmo dia, para em seguida realizarmos a descrição analítica das gravuras identificando-as para melhor compreensão.

**Segunda-feira, 05 de março de 2007.**

**Fig. 01**



**Folha de São Paulo**

Dia 5 de março de 2007, segunda-feira, o jornal Folha de São Paulo publica a edição de número 28.460 (vinte e oito mil, quatrocentos e sessenta). Na capa do jornal as informações que mais se encontram em evidência variam entre assuntos como esporte, educação, segurança, economia interna e externa e logicamente política, também a nível nacional e internacional. Mesmo sabendo-se que o acontecimento que marcaria a visita do então presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush estava previsto para os dias 08 e nove do mesmo mês, o jornal já adiantava alguns fatos que ocorreriam com o desenrolar da chegada do presidente.

O jornal apurou as medidas que seriam tomadas quanto à segurança de Bush durante os dias no Brasil, além de informar que tipos de crítica o presidente poderia enfrentar pelos cinco países latinos que visitaria. (p. A6). Na página A2: Opinião, onde ficam os editoriais do jornal, estão entre outros textos, Álcool e diplomacia, sobre a visita de Bush ao Brasil. No alto da página, a charge mostra o presidente Lula puxando



um grupo de parlamentares presos por uma coleira, enquanto diz ao telefone que está levando-os para um passeio. Isso nos leva a **interpretar** que o desenho está relacionado aos acontecimentos de descobrimento de envolvimento de ministros e deputados com escândalos de corrupção e a posição do presidente de afastá-los ou movimentá-los, obrigatoriamente, a medida em que as denúncias vão sendo apuradas. Este seria o **contexto** que o desenho quer abordar.

A **imagem**, em cores, satiriza os personagens relacionando-os a outros personagens. Luiz Inácio Lula da Silva é facilmente identificado pelos cabelos e barba grisalhos, estatura baixa e dorso largo. Já os “parlamentares” representam ter as mesmas feições corporais e faciais, o que poderia significar que todos têm a mesma personalidade, todos são farinha do mesmo saco, todos tem o rabo preso. Presos por uma coleira, os personagens estão sendo encaminhados para onde seu dono quer, como se fossem animaizinhos de estimação. Outro elemento que chama atenção é o formato do nariz dos personagens. Grandes e desproporcionais, lembram um outro personagem, desta vez, das histórias infantis. Lembram o Pinóquio, um boneco de madeira que quando mentia fazia com que seu nariz crescesse. Pode ser uma análise muito além do que o chargista quis expressar mas pode-se considerar que a partir da visão e da constituição desses traços os “parlamentares” na sua maioria, são todos mentirosos e por isso, e assim como Pinóquio, possuem os narizes grandes.

O uso da **metáfora** na referida charge está na frase: “Todo dia levo meu bloco parlamentar para passear”. É como se alguém dissesse “todos os dias levo meu cão para passear”. Assim o elemento metafórico se faz presente, pois como o seu próprio significado denuncia, ele cria efeito comparativo a outros termos comum, ele é análogo, ele fala de uma coisa e faz lembrar de outra.

Incontestavelmente o **humor** está presente na forma geral do desenho. A ironia de desenhar um indivíduo, ou melhor, um presidente conduzindo outros políticos como se fossem peças de xadrez causa, não necessariamente o riso e sim, uma sensação ou estado de espírito diferente da normalidade individual.

Em relação ao **discurso persuasivo**, podemos dizer que ele se encontra no desenho por querer demonstrar que essa prática do presidente afastar ou movimentar a todos aqueles que possam de alguma maneira o atrapalhá-lo, é realizada



verdadeiramente, não da forma que foi desenhada, mas através de uma conduta tão agressiva quanto a agressividade da ação que a charge sugere.

Já a questão da **efemeridade**, que diz respeito à permanência da sátira como instrumento de informação, na memória do observador, é constatada à medida que a data da realização e divulgação da charge se distancia com o passar dos dias, meses, anos. Tanto para essa quanto para as demais charges que serão analisadas, vale a premissa de que se o desenho não estiver falando de algo que esteja presente no cotidiano informativo e comunicacional atual do indivíduo, de todo ele não será compreendido. Ou seja, se daqui a dois, três, quatro meses, fossemos analisar a mesma fig. 01, teríamos muito mais dificuldade de saber sobre o que ela está tratando e o que levou o chargista, naquele momento, desenhar aquela reflexão.

Fig. 02



#### Jornal do Brasil

A segunda charge foi publicada pelo Jornal do Brasil, edição número 331 no mesmo dia 05 de março de 2007. Assim como no jornal Folha de São Paulo, o JB traz em sua capa breves informações sobre esporte, economia, assuntos internacionais, segurança e política. Entre os assuntos que mais se destacam sobre este último, está a da vinda e o tempo de permanência de Bush no país que será de dois dias. A matéria que abre o jornal é justamente sobre o assunto primordial que faz da visita do presidente



norte-americano uma necessidade. “O álcool na mesa de negociações”. (JB, 2007, ed.331, p. A2, A3).

Diferentemente da Folha de São Paulo, a página reservada para a opinião do veículo se encontra mais na metade do impressos, regularmente nas páginas A8 e A9. É na primeira delas que está a charge (fig. 02). Dividida como se fosse uma história em quadrinhos a **imagem** apresenta um personagem semelhante a George W. Bush conversando com um personagem irreconhecível, lembrando um espião de capa preta, chapéu de detetive e face camuflada. O texto vem confirmar depois de que se trata de um agente da CIA.

O desenho revela então a conversa de Bush com um agente da CIA que buscou levantar a maior quantidade de informações que pudesse, sobre o presidente Lula, para a preparação política do presidente norte-americano. Depois do trabalho do detetive, as informações trazidas por ele de que Lula bebia assim como Bush pode vir a se relacionar com um **contexto real** no que diz respeito a notícias e boatos de que efetivamente o presidente do Brasil e o presidente dos Estados Unidos, já foram vistos consumindo bebida alcoólica até de forma indiscriminada. Isso não seria tão marcante para a população das duas nações se não se tratassem de pessoas públicas eleitas por eles.

Como a pauta da visita de Bush é justamente sobre as negociações que os dois países pretendem fazer em que o assunto é o álcool combustível, o chargista entrelaçou uma série de falas metafóricas que relembram este termo além de outro significado aplicado à palavra. O chargista atribui “Álcool” falado num contexto que explica a situação de ‘pauta das negociações comerciais e econômicas’, mas que pode ser **interpretado** como ‘reunião sobre Chavez, presidente da Venezuela, regada à bebida’. Porque isso acontece? Porque antes mesmo de Bush perguntar sobre a reunião, o presidente já sabe que Lula gosta de bebida assim como ele, e depois porque, sabendo qual ai ser a pauta da reunião ele atribui que isso ‘vai ser um porre’. Aí está a **metáfora**, pois a analogia acontece e faz o observador se perguntar, Vai ser uma reunião difícil? Ou os presidentes vão tomar um porre enquanto falam de Chavez?

O termo cria um efeito que agride a consciência humana e como em tese se sabe que quando duas autoridades importantes como Luiz Inácio Lula da Silva e George W.



Bush se encontram, certamente não o fazem por qualquer motivo, não o fazem de maneira tão informal. Logo descobrimos que o chargista quis mesmo brincar com a visualização de uma situação contrária a que efetivamente aconteceria. Essa brincadeira é o a forma que o desenhista desenvolveu o **humor**. O mecanismo de ler um texto que pode significar as duas explicações normalmente funciona e, no caso da charge, de forma irônica.

Agora, quanto ao elemento **discurso persuasivo** da charge sugere como verdadeiros os boatos de excessos alcoólicos praticados por ambos os presidentes. Por mais que seja essa a idéia que o chargista quer transmitir, é necessário explicar que não houve nenhuma espécie de investigação ou comprovação divulgada que dê conta desse tipo de assunto. Por mais que o autor ache também que os referidos sujeitos não tenham praticado abuso algum sobre esse contexto, ele se aproveitou da situação que se mostrou propícia para ser abordada e se apropriou do que estava em ênfase sobre o tema para lançar o argumento.

E como podemos justificar o período **efêmero** dessa charge para as lembranças da sociedade. Com certeza essa charge permaneceria por mais tempo do que a primeira charge analisada e veiculada pela Folha de São Paulo. O assunto que a charge aborda é muito mais grandioso, pois está em um nível internacional. É de relevância muito mais preocupante para o futuro econômico do Brasil. Não que as questões de corrupção e de utilização de outros mecanismos criminosos que eleitos praticam não sejam motivo de preocupação da população. O questionamento está no ser um fato inédito. A vinda de Bush não acontece todos os dias. Casos de corrupção são sim, noticiados todos os dias, nos mais diferentes espaços políticos-administrativos. O oposto também seria verdadeiro. Se o presidente norte americano viesse regularmente ao Brasil ele poderia sim ser motivo de charge, mas uma charge mais efêmera, por se tornar repetitivo os contextos supostos. Já se os casos de corrupção fossem desconhecidos e ao invés de milhares de esquemas e envolvidos, existisse somente um caso sobre o tema, a duração da lembrança de uma charge que se referisse ao caso seria muito mais visada e discutida pelos observadores.

## REFERÊNCIAS



- AGOSTINHO, Aucione. *A charge*. Tese (doutorado). São Paulo. Escola de comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1993.
- BARKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª ed., São Paulo. Hucitec, 1997.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo. Perspectiva, 1970
- BELUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo. Marco Zero, 1992.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1987.
- CAGNIN, Antônio Luiz. *Carões, caras e caretas: salão do humor e de outros humores*. Mimeo, s/d.
- CIRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis. Vozes, 1972.
- CIRNE, Moacy. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro. Angra/ Achiamé, 1982.
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis. Vozes, 1994.
- MIANI, Rozinaldo Antônio. *Charge: Uma prática discursiva e ideológica*. Trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação – INTECOM. Campo Grande, 2001.
- NOGUEIRA, Andréia de Araújo. *A charge: Função social e paradigma cultural*. Trabalho apresentado no Núcleo de Histórias em Quadrinhos, XXVI Congresso Anual de Ciência da Comunicação. Belo Horizonte, 2003.
- PROPP, Vladimir Iakovlevitch. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo. Editora Ática, 1992.
- TEIXEIRA, Luís Guilherme Sodré. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.
- LE MOS, Renato (org.). *Uma história do Brasil através da Caricatura: 1840 – 2001*. Rio de Janeiro, Bom Texto, Letras & Expressões, 2001.
- TÁVOLA, Arakem. *D. Pedro II e o seu mundo: através da caricatura*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1976.
- ECO, Umberto. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Editora Ática S.A., 1991.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 3ª ed., São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 2003.
- SCHÖNHOFEN, Andréa Morelli. *A Produção de sentido em Central do Brasil*. Pelotas, ECOS Revista, UCPel, 1999.
- SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. *Imagens: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Iluminuras, 1998.